

O DESENHO DA FAMÍLIA DE ADOLESCENTES PSICÓTICOS

FRANCISCO DE CASTRO CARNEIRO(*)

UNIVERSIDADE DO PORTO

Em trabalho recente, o autor debruçou-se sobre um conjunto de protocolos do teste do desenho da família e indicou o recurso à Simbolização como um procedimento específico da estrutura psicótica.

Trata-se agora, com base nesses mesmos protocolos mas partindo de determinados factores geralmente utilizados no estudo do desenho da família (composição da família ou número de elementos existentes, tempo gasto na execução do desenho, modo de construção do desenho ou a ordem de aparecimento dos elementos à medida que se constrói o desenho e localização do desenho na folha de papel), de apresentar alguns indicadores gráficos reveladores de regressão e portanto susceptíveis de conduzir ao mesmo diagnóstico.

O autor conclui que, embora esses indicadores representem um contributo útil e importante na exploração da personalidade através do desenho da família, eles só terão realmente sentido quando enquadrados numa perspectiva mais ampla da abordagem clínica de que a Simbolização constitui o elemento fundamental.

Parte-se aqui do princípio de que a utilização do desenho da família assenta num tríplice postulado, a saber:

- a - que a família é um factor importante de estruturação da personalidade da criança e do adolescente.
- b - que através do desenho da família, a criança e o adolescente projectam as suas atitudes e sentimentos em relação à família.
- c - que é possível conhecer essas atitudes e esses sentimentos interpretando o desenho da família.

Este trabalho insere-se no prolongamento de um artigo já publicado sobre *A simbolização no teste do desenho da família* (Carneiro, 1986).

Foi então efectuada uma revisão bibliográfica de autores que trataram, quer do desenho da família de psicóticos (Borelli-Vincent, 1965; Crocq et Suziot, 1968; Gendre et al., 1977; Hulse, 1952; Porot, 1965), quer do problema da simbolização (Borelli-Vincent, 1965; Corman, 1967; Freud, 1968; Minoja Zani, 1969; Rivas Martinez et al., 1969), e concluiu-se que:

- 1 - o recurso ao procedimento da simbolização no teste do desenho da família aparecia com uma frequência assinalável nos desenhos de adolescentes psicóticos (ou seja em 32%). Embora a nossa amostra fosse composta maioritariamente por adolescentes de 14 anos, não se notou nenhuma contribuição específica de um ou de outro grupo etário para o aparecimento de simbolizações. Estas pareciam contudo ser mais afectas aos adolescentes mais novos (12, 13 e 14 anos).

- 2 - era notada uma preferência inequívoca pelo desenho de animais de tipo familiar e doméstico, sem uma opção específica em relação a um qualquer determinado animal.
- 3 - a família simbolizada tendia a reduzir-se ao seu estado mais arcaico (família de 3 elementos).

Tratava-se, efectivamente, de adolescentes psicóticos do sexo masculino e com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos inclusive, testados com uma instrução idêntica à de Corman, ou seja:

Desenha uma família. Imagina uma família e desenha-a.

Se os sujeitos aparentavam alguma admiração ou perplexidade ao que lhes era pedido, acrescentávamos de imediato:

Desenha tudo o que quiseres: as pessoas de uma família, ou animais, objectos, etc. Tudo o que quiseres... Uma família.

Era anotado o tempo dispendido para a execução do desenho, a ordem de aparecimento dos diversos elementos, o comportamento manifestado ao longo da realização da prova, etc. Acabado o desenho, era pedido ao adolescente para identificar as personagens por ele desenhadas, após o que se seguia um breve inquérito tendente a proporcionar uma descrição mais detalhada das personagens presentes. Depois - e só no caso de o adolescente não declarar tratar-se da sua própria família, mesmo que houvesse tido um discurso ambivalente acerca da sua produção gráfica - era-lhe dada uma outra folha de papel igual à anterior e solicitado:

E agora desenha-me a tua própria família.

Ao desenho obtido com a instrução *Desenha uma família* chamámos "Família Imaginária" (F. I.) e o desenho efectuado com a instrução *Desenha a tua família* era denominado "Família Concreta" (F. C.). À composição da célula familiar tal como ela era e aparecia no dossier administrativo demos a designação de "Grupo Familiar" (G. F.).

(*) Professor Auxiliar da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Investigador do I.N.I.C.. A correspondência deste artigo deve ser enviada para: Francisco de Castro Carneiro, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação - Rua das Taipas, 76 - 4000 Porto - Portugal.

Se no estudo a que temos vindo a fazer referência se afirmava que o recurso à simbolização no teste do desenho da família de adolescentes psicóticos (rapazes) era frequente e relevava da própria estrutura da personalidade desses sujeitos, o facto é que esses mesmos desenhos evidenciam outras características específicas a que chamámos *Indicadores Gráficos Regressivos* e que se relacionam com:

- a Composição da família (número de elementos existentes).
- o Tempo gasto na execução do desenho.
- o Modo de construção do desenho (ou seja a ordem de aparecimento dos elementos à medida que se constrói o desenho).
- a Localização do desenho na folha de papel.

Convém, todavia, referir aqui que, se inicialmente vamos considerar F. I., F. C. e G. F. (Família Imaginária, Família Concreta e Grupo Familiar), posteriormente limitámo-nos a falar apenas de F. I. e de F. C. (Família Imaginária e Família Concreta). Diga-se também que as considerações que vão ser feitas relativamente aos Indicadores Gráficos só se aplicam a 17 dos 27 casos estudados anteriormente. E isto porque somente 10 dos 27 adolescentes que recorreram ao procedimento da Simbolização quando se lhes pediu para desenharem uma família acabaram por, de algum modo, afirmar que tal desenho reflectia a sua própria família. Por isso não lhes foi por nós pedido outro desenho da família.

A nossa atenção vai dirigir-se aos 4 indicadores gráficos já enunciados e a que chamámos *regressivos* pois denunciam uma regressão da conduta em direcção a formas ou vivências primitivas, em consequência duma frustração (1).

No Quadro I apresenta-se a distribuição, por idades, não só do efectivo total de adolescentes psicóticos que recorreram ao procedimento da Simbolização como também o do total de casos F. I. e F. C. de que dispomos. Estes últimos perfazem 2/3 dos primeiros (ou seja 63%) e, embora a distribuição por idades não seja homogénea, pode verificar-se que não existem diferenças significativas entre os valores dos grupos etários do efectivo total de Simbolizações e os do grupo F. I - F. C. ($X^2 = 4,98, p = .58, g. l. = 5$) (2).

QUADRO I - Distribuição de simbolizações de F.I. - F.C. e o Total

IDADE	SIMBOLIZAÇÕES		F.I. e F.C.		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%
12 Anos	3	11,1	2	11,8	6	7,1
13 Anos	3	11,1	1	5,9	4	16,5
14 Anos	14	51,9	10	58,9	34	40,0
15 Anos	3	11,1	1	5,9	13	15,3
16 Anos	2	7,4	2	11,8	8	9,4
17 Anos	2	7,4	1	5,9	10	11,8
TOTAL	27	100	17	100	85	100

Diga-se que foi por uma atitude deliberada que decidi-

mos não considerar neste trabalho aspectos muito importantes na interpretação do desenho da família tanto a nível gráfico como a nível das estruturas formais ou do conteúdo, como: a aproximação ou o afastamento das diferentes personagens intervenientes, a eliminação, a valorização ou desvalorização das personagens, a identificação a uma personagem, a diferenciação sexual, a qualidade do desenho, etc..

COMPOSIÇÃO DA FAMÍLIA

São agora confrontadas as 3 versões (Versão Imaginária, Versão Concreta e Grupo Familiar), quanto ao número de elementos existentes.

QUADRO II - Composição da família

IDADE DOS SUJEITOS	NÚMERO DE ELEMENTOS		
	F. I.	F. C.	G. F.
12 Anos	4	3	11
12 Anos	2	6	6
13 Anos	2	5	5
14 Anos	4	4	4
14 Anos	3	7	9
14 Anos	2	5	6
14 Anos	3	5	4
14 Anos	3	2	5
14 Anos	3	3	4
14 Anos	1	6	6
14 Anos	3	3	4
14 Anos	4	2	3
14 Anos	2	8	8
15 Anos	2	6	6
16 Anos	8	4	5
16 Anos	3	6	6
17 Anos	3	3	4
Total	52	78	96
\bar{X}	3,1	4,6	5,6

Olhando atentamente para o Quadro II vemos que: a - comparando os valores totais das 3 versões no que respeita ao total de elementos presentes (F. I. = 52, F. C. = 78 e G. F. = 96), verifica-se uma tendência altamente significativa em favor de G. F. e F. C. relativamente a F. I. ($X^2 = 12,99, p = .998, g. l. = 2$).

b - a média obtida em cada versão (F. I. = 3, F. C. = 5 e G. F. = 6, valores arredondados) aponta, mas não de maneira significativa, para um resultado idêntico ao da alínea anterior.

TEMPO GASTO NA EXECUÇÃO DO DESENHO

O tempo gasto pelos adolescentes psicóticos na execução dos seus desenhos da família (Versão Imaginária e Versão Concreta) e seus respectivos totais é indicado no Quadro III.

QUADRO III - Tempo gasto na Execução (F.I. e F.C.)

IDADE DOS SUJEITOS	TEMPO	
	F. I.	F. C.
12 Anos	3' 17"	3' 20"
12 Anos	3' 01"	6' 45"
13 Anos	2' 48"	3' 15"
14 Anos	1' 07"	1' 14"
14 Anos	2' 15"	3' 31"
14 Anos	3' 39"	0' 41"
14 Anos	2' 50"	11' 45"
14 Anos	0' 58"	1' 14"
14 Anos	1' 14"	2' 10"
14 Anos	6' 56"	9' 34"
14 Anos	5' 17"	6' 16"
14 Anos	3' 12"	4' 19"
14 Anos	1' 28"	1' 48"
15 Anos	3' 03"	5' 17"
16 Anos	5' 45"	5' 58"
16 Anos	2' 42"	5' 27"
17 Anos	4' 22"	6' 15"
Total	53' 54"	79' 16"
\bar{X}	3' 10"	4' 39"

A análise deste quadro evidencia que é dispensado mais tempo para fazer F. C. que para executar F. I.. Ora, considerando que o tempo dedicado a uma actividade é, em grande parte, função do investimento afectivo que ela desperta, poder-se-ia afirmar que a Versão Concreta interessa mais a estes adolescentes. Mas concluir desta forma seria errado, pois o que importa aqui ver não é tanto o tempo gasto por desenho mas sim o número de elementos que foram desenhados em cada versão. Assim sendo, e pondo todavia de parte um outro factor que não

deixa de ser importante - a qualidade ou perfeição do próprio desenho -, o que se impõe é ver qual a relação entre o tempo gasto na execução e o número de elementos presentes. Reportando-nos então aos Quadros II e III, vemos que a média de tempo tomado por elemento é de 1 minuto e 2 segundos para F. I. e de 1 minuto (exacto) para F. C..

Conviria aqui talvez acrescentar, pela sua particularidade, que um dos adolescentes gastou 11 minutos e 45 segundos para fazer a sua F. C.. Vê-se no seu desenho apenas 4 pessoas, a que se segue o pai dentro do caixão (Fig. 1). É à inclusão do pai no desenho que deve atribuir-se o aumento exagerado de tempo, com as devidas repercussões a nível do tempo médio do grupo.

MODO DE CONSTRUÇÃO DO DESENHO

O modo de construção refere-se à ordem de aparecimento dos elementos à medida que se constrói o desenho.

Sendo o desenho um processo associativo, a ordem de aparecimento dos elementos que o compõem não é fruto do acaso mas envia antes a relações afectivas particularmente significativas entre o desenhador e as respectivas personagens. Corman afirma que:

a personagem mais valorizada é frequentemente aquela que é desenhada em primeiro lugar (Corman, 1967, p.18).

QUADRO IV - Modo de construção do desenho (Ordem de aparecimento dos elementos em F.I. e em F.C.)

	F. I.		F. C.	
	N	%	N	%
PAI	5	29,4	6	35,3
MÃE	8	47,1	4	23,5
PRÓPRIO	1	5,9	2	11,8
OUTROS	3	17,6	5	29,4
TOTAL	17	100	17	100

O Quadro IV indica-nos, para os dois desenhos (Versão Imaginária e Versão Concreta), e relativamente ao total dos casos, qual a primeira personagem a ser desenhada: a mãe em F. I.; e o pai em F. C.. Mas, aparece também aí que a mãe é desenhada em primeiro lugar por quase metade dos adolescentes, os valores mais baixos sendo sempre os do próprio nas duas versões ou seja em F.I. e em F. C..

LOCALIZAÇÃO DO DESENHO NA FOLHA DE PAPEL

Tendo em conta que a utilização que se faz do espaço pode reflectir características da personalidade, conforme a

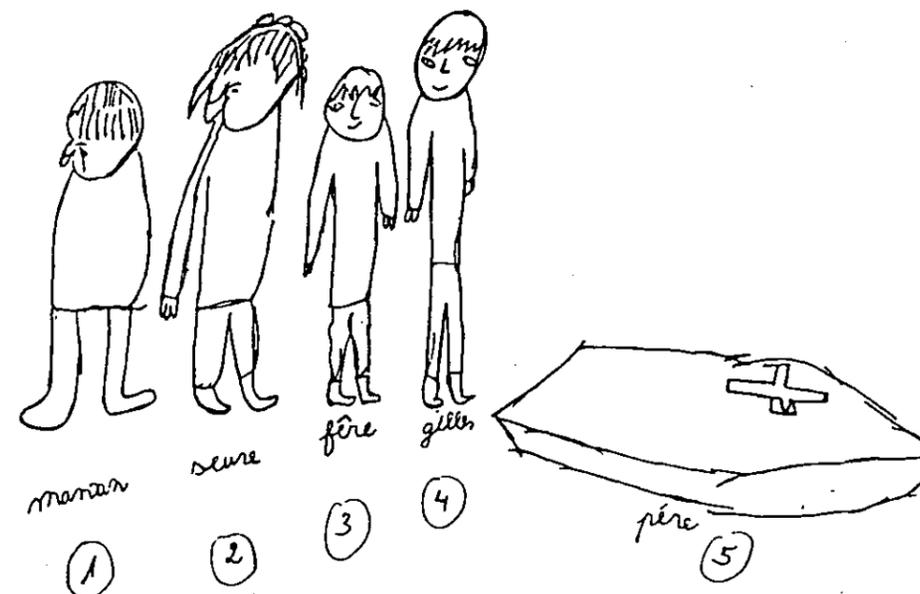


FIGURA 1 - Desenho da família de Gilles cujo pai havia falecido há alguns meses, mas que aparece aqui muito valorizado. Confirma-se claramente a afirmação de Burlingham e A. Freud (1961, pp. 154-155) para quem a presença do pai como objecto de amor, de fonte de segurança e de identificação, é tão importante para o desenvolvimento da criança como a presença da mãe. A privação da figura paterna, por falecimento, por divórcio ou por separação, constituiu já objecto de particular atenção por parte de M. Morval (1975; 1976).

Nota: A numeração indica a ordem de sucessão das personagens.

zona ou as zonas ocupadas (Direita, Esquerda, Alto, Baixo, Toda a página, etc.), procurámos verificar:

- se existe uma preferência por uma determinada zona do espaço gráfico em função de uma ou de outra versão (F. I. e F. C.);
- se se escolhe sempre a mesma localização para o desenho - sobreposição dos desenhos - qualquer que seja a versão pedida.
- se há uma tendência predominante.

Assim, no que diz respeito a estas questões, verifica-se no conjunto dos 17 casos que: a) cerca de metade dos adolescentes (ou seja 8) deu aos seus dois desenhos da família a mesma localização, preferindo ocupar a metade esquerda da folha de papel; b) 2/3 dos restantes outros colocaram o desenho de F. I. mais à esquerda que o desenho da própria família; c) o desenho é, em geral, colocado à esquerda ou com tendência para a esquerda (15 dos 17 casos começam os seus 2 desenhos pela personagem situada mais à esquerda).

CONCLUSÃO

Do que foi atrás exposto pode afirmar-se que:

- os adolescentes psicóticos (rapazes) tendem - através dum mecanismo muito primitivo, o da negação - a omitir a própria realidade familiar deixando transparecer o desejo de uma situação fantasmática a 3 pessoas (portanto com um único filho).
- a própria família (ou F. C.) funciona para estes adolescentes psicóticos como evocadora de situações angustiantes, o que os leva a não dedicar atenção ao referido desenho.
- o próprio é sempre a pessoa inexistente ou desinves-

tida, revelando assim um aniquilamento de si mesmo em relação à mãe (dificuldades de separação!).

- estes adolescentes manifestam uma grande inibição face ao mundo quer pelo facto de os seus desenhos se situarem à esquerda quer pelo facto de eles serem começados pela esquerda. Se é verdade que se trata de dois desenhos diferentes e onde um faz apelo ao imaginário e o outro ao real, o facto é que F. I. parece ocasionar ainda mais a regressão.

Acrescente-se, todavia, que a credibilidade a dar a estes indicadores deverá inserir-se sempre no contexto de abordagem clínica, e onde a simbolização constituirá um elemento de importância relevante.

NOTAS

- (1) Para Laplanche e Pontalis (1971, p. 568) a regressão é concebida a maioria das vezes como um retorno a formas anteriores do desenvolvimento do pensamento, das relações de objecto e da estruturação do comportamento.
- (2) Como também não havia diferenças significativas na distribuição por idades do total de simbolizações relativamente ao total de casos.

REFERÊNCIAS

Borelli-Vincent, M. (1965). L'expression des conflits dans le dessin de famille. *Revue de Neuro-Psychiatrie Infantile*, 13, 45-79.
 Burlingham, D. e Freud, A. (1961). *Meninos sem lar* (3ª edição). Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.
 Carneiro, F. (1986). A simbolização no teste do desenho da família. *Jornal de Psicologia*, 5, 1, 13-17.

- Corman, L. (1967). *Le test du dessin de famille* (2^{ème} édition). Paris: P.U.F. .
- Crocq, L. & Suziot. (1968). Une dimension profonde dans l'analyse du dessin de la famille chez l'enfant: le schéma corporel. *Supplément de l'Encéphale*, Nov-Déc., 34-39.
- Freud, S. (1968). *Totem et tabou*. Paris: Payot.
- Gendre, F., Chetrit, S. et Dupont, J. B. (1977). Le test du dessin de la famille chez l'enfant. *Revue de Psychologie Appliquée* 4, 243-283.
- Hulse, W. C. (1952). Childhood conflict expressed through family drawings. *Journal of Projective Techniques*, 16, 66-79.
- Laplanche, J. et Pontalis, J. B. (1971). *Vocabulaire de la Psychanalyse* (3^{ème} édition). Paris: P.U.F. .
- Minoja Zani, L. (1969). La famiglia. Ricerca delle modalità espressive di norma attraverso il disegno. *Archivio di Psicologia, Neurologia e Psichiatria*, 30, 211-269.
- Morval, M. (1975). Le dessin de famille d'enfants privés de père. *Enfance*, 1, 37-45.
- Morval, M. (1976). Privés de père, des enfants s'expriment par des dessins révélateurs. *L'École des Parents*, 9, 41-46.
- Porot, M. (1965). Le dessin de la famille. *Revue de Psychologie Appliquée*, 3, 179-192.
- Rivas Martinez, F., Bañares Vasquez, A. y Pertejo, M. J. (1969). El test de la familia en un orfanato. *Revista de Psicología General y Aplicada*, 24, 769-774.

ABSTRACT

THE FAMILY DRAWING OF PSYCHOTIC ADOLESCENTS

In a recent work, the author has analysed a series of protocols involved in the test of the family drawing, and has indicated the resort to symbolizing as a specific procedure of the psychotic structure.

In this present work, based on other characteristics ge-

nerally used in the study of the family drawing (such as the constitution of the family or the number of its members, the time spent on the execution of the drawing, the order of appearance of the family members or the position of the drawing on the space of the page), the author presents some graphic indicators which reveal regression and may, therefore, confirm the diagnosis in question.

The author concludes that, although those indicators are a useful and important contribution to the study of the personality through the family drawing, their use will only be meaningful if it is considered in a vaster perspective of clinical approach of which the process of symbolizing is an essential element.

RÉSUMÉ

LE DESSIN DE LA FAMILLE CHEZ L'ADOLESCENT PSYCHOTIQUE

Dans un récent travail, l'auteur a dirigé son attention sur un ensemble de protocoles du test du dessin de la famille et il a constaté que le recours à la Symbolisation était un procédé spécifique de la structure psychotique.

Maintenant, tout en s'appuyant sur les mêmes protocoles, mais en tenant compte de certains éléments généralement utilisés dans l'étude du dessin de la famille (composition de la famille ou nombre d'éléments existants, temps dispensé en l'exécution du dessin, façon dont le dessin a été construit ou ordre de réalisation des éléments au fur et à mesure que le dessin est effectué et, finalement, localisation du dessin sur la famille), il présente certains signes graphiques, révélateurs de régression, et susceptibles donc de nous conduire au même diagnostic.

L'auteur conclut que ces signes sont manifestement très importants pour l'étude et l'exploration de la personnalité à travers le dessin de la famille et qu'ils doivent toujours s'insérer dans une perspective plus large d'approche clinique où la Symbolisation constitue l'élément fondamental.

FAMÍLIAS COM JOVENS DROGADOS: DESAFIO PARA PAIS, FILHOS E PARA A PSICOLOGIA SOCIAL APLICADA(*)

AIRES GAMEIRO(**)

Após uma introdução sobre o conceito e factores de dependência ou adictos, o autor apresenta os três desafios ou impasses psicossociais: dos drogados, dos pais, e dos psicólogos e profissionais de saúde. O dos drogados está fechado por quatro portas: psiquismo narcisista, adicção e consumo repetitivo, conformismo dentro da categoria homóloga de drogados ou favoráveis à droga, e rejeição activa dos pais ou grupos de profissionais heterólogos contrários à droga. O dos pais está fechado quando estes se deixam manipular pelos filhos, ou sofrem a sua chantagem e se aliam à sua dependência, e quando contrariam o processo de dependência dos filhos em que são rejeitados e deixam de poder ter influência sobre eles. O impasse dos psicólogos e profissionais de saúde está fechado à maneira dos pais: quando os profissionais de saúde facilitam drogas de substituição ou usam modelos de terapia cognitiva sem contrapartidas comportamentais, são manipulados e tornam-se aliados dos drogados na dependência; quando funcionam como categoria social de libertação de droga, são rejeitados como os pais e a sua influência é anulada.

Por fim o autor apresenta as *minorias inovadoras trans-identificadas* como possíveis factores de libertação da droga. Descreve-as como minorias que não pertencem a nenhuma das categorias anteriores: drogados ou anti-droga, mas têm algo de ambas. São grupos compostos de ex-drogados, pais e profissionais de saúde em processo de crescimento.

NOÇÕES SOBRE CONCEITOS E FACTORES DE DEPENDÊNCIA

Conceito

Por dependência da droga entendemos uma ligação de natureza bio-psico-social pessoa-produto-experiência que se torna incontrolável para a pessoa nas circunstâncias ordinárias da sua vida. A dependência pode ser descrita em termos de vinculação pessoa-produto (experiência) em que a desvinculação efectiva não está, em condições normais, sob controlo da pessoa. É portanto na área dos condicionamentos que se situa a dependência.

A dimensão experiencial precisa de ser associada à dependência porque por um lado não é só o produto que estabelece vinculação com a pessoa, mas toda a experiência que acompanha o produto, e por outro lado há dependências com os mesmos sintomas de toxicoddependência que se estabelecem só à base de experiências de comportamento sem produto introduzido no corpo.

As dependências como processos de perda crescente de liberdade psicossocial, autonomia, independência e iniciativa

aberta, opõem-se aos processos de crescimento e maturação psicológica.

Podem assim ser descritas como processos bloqueadores, interruptores ou perturbadores do crescimento evolutivo.

São muitos os produtos e as experiências que constituem as dependências; e embora o seu ciclo de implantação, destruição, danos para a saúde variem bastante, aqui referimo-nos a elas simplesmente como dependências, sem mais especificações.

Factores de dependência

As dependências são processos bio-psíquicos e sociais, portanto internos e externos aos indivíduos.

Tanto uns como outros estão intimamente relacionados com os processos do evoluir e do involuir da pessoa, afectando os processos da formação da própria identidade (Codol, 1980, Tajfel 1981).

Os dependentes, com o surgir das consequências incontroláveis do consumo, associadas aos danos bio-psico-sociais e espirituais, são empurrados pelas suas experiências e sentimentos e pelas categorizações sociais envolventes, para grupos inferiores (Tajfel, 1981). Estes dois grupos de factores, internos e externos, de identidade pessoal constituem experiências, factos e consequências que são deformados, aumentados, para operar hiper-inclusões e hiper-exclusões dos drogados num grupo inferior.

Dum ponto de vista mais factual e objectivo surgem as características reais negativas dos drogados; e do ponto de vista subjectivo aquelas vão sendo associadas a experiências de uma identidade negativa e incómoda. Por negativa entendo irrea-

(*) Uma primeira versão deste artigo foi apresentada no Colloque International Social/Psychique Articulations, Grécia, 12-15 de Maio, 1988.

(**) Docente da Universidade Católica e do ISCTE. Psicólogo da Casa de Saúde do Telhal.

A correspondência para este artigo deve ser remetida para: Aires Gameiro, Casa de Saúde do Telhal, 2725 Mem Martins.